

A literatura paradaniélica de Qumran, as idades do mundo e as monarquias mundiais com especial referência ao tema da árvore cósmica*

Vicente Dobroruka

Professor de História Antiga, Universidade de Brasília

Doutor em Teologia, Oxford

O mito das idades do mundo encontra-se, como é de conhecimento geral, associado ao das monarquias universais e à seqüência de metais em estilo hesiódico no livro de Daniel. O fato é em si mesmo notável por sua abrangência, permanência na longa duração, influência posterior - e também por ser um dos poucos casos em que os três complexos míticos em questão apresentam-se de forma unificada ao investigador. As peculiaridades resultantes da fusão dos mitos em Daniel não serão exploradas aqui; este trabalho ocupa-se antes das variantes que tal fusão de complexos míticos apresenta na rica - porém fragmentária - literatura paradaniélica encontrada nos Manuscritos do Mar Morto.

Os fragmentos analisados por comparação com o texto daniélico “propriamente dito” foram todos encontrados na Caverna 4 de Qumran: trata-se de 4Q242, 4Q243-245, 4Q552-553 e 4Q246. 4Q180 oferece interesse apenas relativo para o tema de que estamos tratando¹.

O primeiro texto, 4Q242 - também conhecido como “Oração de Nabônides” -, oferece uma versão aramaica do tema da loucura e reabilitação de Nabucodonosor em Dn 4 (o capítulo será especialmente importante para os fragmentos analisados). Aqui, Nabônides é curado por um exorcista judeu², que lhe ensina a verdade e perdoa-lhe os pecados.

* Este trabalho insere-se num conjunto de investigações mais amplo que tem sido o foco do trabalho do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ -, e que envolve outros pesquisadores: trata-se da pesquisa acerca do complexo mítico das “idades do mundo” e de suas derivações e relevância para a formação das concepções metahistóricas ocidentais, mesmo (e talvez principalmente) das que se pretendem seculares.

¹ Para o livro de Daniel utilizei a versão em português da Bíblia da Jerusalém (São Paulo: Paulinas, 1990), cotejada com os comentários de James A. Montgomery. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*. Edinburgh: T & T Clark, 1950 e de John J. Collins. *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, juntamente com as versões em hebraico (Bíblia Hebraica Stuttgartensia) e em grego (Rahlfs). Para os fragmentos propriamente ditos foram utilizadas as edições de Geza Vermès. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997 e a de Florentino G. Martínez e Eibert J.C. Tigchelaar. *The Dead Sea Scrolls. Study Edition*. Leiden / Grand Rapids: Brill / Eerdmans, 2000 (2 volumes).

² Exorcismos são tratados com seriedade por Josefo na *Guerra dos judeus* 7.185 e nas *Antigüidades judaicas* 8.45-48. Josefo descreve os métodos contemporâneos de exorcismo, e essa é uma tradição bem atestada em

Palavras da oração proferida por Nabunai rei da terra da Babilônia³, o grande rei, quando foi afligido por uma úlcera maligna em Teiman por decreto do Altíssimo. 'Estive afligido por uma úlcera maligna por sete anos [...] e um exorcista perdoou meus pecados. Ele era um judeu (dentre os filhos do exílio de Judá, e disse: 'Reconte isto por escrito para glorificar e exaltar o nome do Altíssimo'. E assim escrevi'. 'Estive afligido por uma úlcera maligna em Teiman por decreto do Altíssimo. Por sete anos rezei aos⁴ deuses de ouro e prata, bronze e ferro, madeira e pedra e barro, por acreditar que fossem deuses [...]'

O texto é anterior ao Daniel bíblico, segundo Milik⁵; revela-se de interesse peculiar por incluir a seqüência dos metais na ordem certa (ouro, prata, bronze e ferro - estes dois últimos reconstituídos a partir dos fr.), mas num sentido não-histórico - trata-se aqui apenas da ordem de confecção dos ídolos em função de seu material; fica implícita uma seqüência de decadência, pela decrescente dignidade dos materiais citados. É interessante notar também que, ao acrescentarem-se os últimos três materiais, teríamos uma seqüência de sete, talvez artificialmente harmonizada com os sete anos em que a úlcera afligiu Nabônides⁶. Indiretamente, isso remeteria às seqüências e impérios mundiais em número de sete ou mais, como na apocalíptica persa, da qual tratarei com mais detalhe abaixo, e nos *Oráculos sibílicos* (p.ex. OrSib 3:156-161). Mas isso é mera especulação, já que o texto tem caráter apologético e seu autor não se mostra interessado no sentido da história: o recurso aos metais em seqüência decadente pode ser de fato mera retórica, a apropriação de um lugar-comum para exemplificar a futilidade dos ídolos materiais frente à majestade divina.

toda a literatura tamlúdica e especialmente atribuída a Salomão. Outro exemplo interessante pode ser encontrado no livro de Tobias.

³ As reconstituições de lacunas, quer na versão de Vermès, quer na de Martínez-Tigchelaar, foram omitidas nos trechos transcritos para este trabalho, por não oferecerem maior interesse quanto ao foco central da pesquisa em curso. Quando for o caso, serão discutidas individualmente.

⁴ No fr., כָּל, “todos os deuses”, o que pode ser mero recurso retórico ou implicar no esgotamento do tema e dos materiais de que são feitos. Cf. a reconstituição hipotética de Martínez e Tigchelaar, vol.2, pp.486-487. Vermès segue uma tradução mais literal e omite o “todos”. Embora os materiais sejam distintos em alguns dos casos (notadamente nos três últimos, madeira, pedra e barro, é sugestivo que o total perfaça sete materiais distintos, como na segunda versão do tema da árvore cósmica e seus galhos no texto persa de que tratarei mais abaixo, o *Bahman Yašt* (BY 3.19 ss.).

⁵ Józef T. Milik. “Prière de Nabonide et autres écrits d’un cycle de Daniel” in: *Revue Biblique* 63, 1956.

⁶ Para bibliografia atualizada da “Oração de Nabônides”, cf. também Frank M. Cross. “Fragments of the Prayer of Nabonidus” in: *Israel Exploration Journal* 34, 1984; Florentino G. Martínez. “The Prayer of Nabonidus: a new synthesis” in: Florentino G. Martínez (ed.). *Qumran and Apocalyptic: Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. Leiden: Brill, 1992 e Émile Puech. “La prière de Nabonide (4Q242)” in: Kevin J. Cathcart e Michael Maher (eds.). *Targumic and Cognate Studies: Essays in Honour of Martin McNamara*. Sheffield: Sheffield University Press, 1996.

O barro, para o qual normalmente se fornece uma explicação bastante incompleta, em minha opinião - seu surgimento seria manifestação das incompatibilidades dinástico-conjugais de Lágidas e Selêucidas, *já como elemento explicativo presente na mente do autor da passagem* -, deve cumprir outra função, se o raciocínio de Ginsberg e da maior parte dos autores modernos estiver correta (i.e. se Dn 1-6 forem pré-167 a.C. e 7-12 posteriores)⁷; isto significa que se a alusão ao barro misturado com o ferro nos pés da estátua em Dn 2:41-43 referir-se de fato aos casamentos entre as duas dinastias, terá sido no máximo o uso original de uma idéia anterior, possivelmente de origem persa e que em nada relaciona-se, em sua origem, às querelas dinásticas helenísticas⁸.

A próxima passagem de interesse combina os fr. 4Q243-245 (“Escritos paradaniélicos” - Vermès - ou “pseudo-Daniel em aramaico” - Martínez e Tigchelaar); a reconstituição proposta por Vermès, embora toque no ponto essencial (o uso do nome de Daniel, ao menos 3 vezes), é insuficiente para o propósito deste artigo e por isso utilizarei aqui a versão de Martínez e Tigchelaar, composta por 24 fr. para 4Q243, 12 para 4Q244 e 2 para 4Q245:

Ele perguntou a Daniel, dizendo: seu Deus, e um número [...] os filhos de Israel preferiram sua presença acima da presença de Deus e sacrificaram seus filhos aos demônios da ilusão. Deus enfureceu-se contra eles entregou-os nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e fez tornar sua terra desolada, porque [...]

Segue-se, no fr.16, a seção realmente interessante em que se encontra a tradicional remissão às 70 semanas de Jeremias e ao primeiro reino do que deve ter sido uma seqüência de quatro, já que o texto refere-se explicitamente a Daniel:

⁷ Harold L. Ginsberg. “The composition of the Book of Daniel” in: *Vetus Testamentum* 4 (3), 1954. P.246.

⁸ Não entrarei na discussão do que significaria originalmente a mistura do barro com outro material no *Bahman Yašt* (daqui em diante apenas BY), por fugir ao tema do artigo; mas deve-se notar que os mss. Persas, no estado em que nos chegaram, falam de ferro misturado, sem explicitar com o quê (BY 3.29 e a explicação de Ahuramazda nada acrescenta em termos de fusões dinásticas, a meu ver). Autores modernos preenchem a lacuna, “logicamente”, com o ferro de Dn 2, gerando assim um raciocínio circular - Dn teria sido influenciado por fontes persas que lhe antecedem e aquilo que falta nessas fontes pode ser completado com material daniélico. Tamanha falta de método está entre as mais espantosas com que um estudioso da literatura apocalíptica pode se deparar.

⁹ Os fr. apresentam lacunas demais, mas este trecho inicial parece revestir-se de especial importância pelo fato de tratar, como em Dn 2, de um problema que Daniel e chamado a resolver; sua natureza não se esclarece com o desenvolvimento dos fr. que nos chegaram. Cf. ainda Florentino G. Martínez. “4Q Pseudo Daniel Aramaic and the Pseudo Daniel literature” in: Martínez, *Qumran and Apocalyptic* e John J. Collins. “Pseudo-Daniel revisited” in: *Revue de Qumran* 17, 1996.

[...] *oprimidos por setenta anos [...] com Sua grande mão Ele os salvará [... e o reino dos povos ... Este é o primeiro reino ...]*

4Q245 consiste de pouco mais do que uma lista de nomes - possivelmente de sacerdotes e foge ao interesse do artigo. A seqüência 4Q243-245, por fragmentária que se mostre, é importante por revelar, fora do livro de Daniel, outros usos de sua figura (ainda que em contextos semelhantes - divinação, impérios sucessivos implicados).

Se 4Q243-245 é de interesse quase periférico, o mesmo não se pode dizer de 4Q552-553: aqui o tema dos impérios mundiais desabrocha com toda a clareza, associado ao da angelologia, ao da árvore cósmica¹⁰ e do anjo brilhante, semelhante ao que se manifesta em Dn 10:4-12:

Eu vi um anjo de pé, sobre o qual brilhava a luz e quatro árvores estavam ao seu lado. E as árvores levantaram-se e moveram-se para longe dele. E ele me disse: 'Vês esta forma?' E eu disse: 'Sim. Eu a vejo e percebo'. E vi a árvore [...] colocada. Então lhe perguntei: 'Qual o seu nome?' E ele me disse: 'Babel'. E eu lhe disse: 'É você que governa a Pérsia?'¹¹ E vi outra árvore [...] e lhe perguntei: 'Qual o seu nome?' E ela me disse: [...] E eu lhe falei: 'É você que preside sobre todas as potências do mar e os portos e [...]?' E vi uma terceira árvore e lhe disse: 'Qual o seu nome e porque a tua aparência [...]

É de se notar que a alusão à terceira árvore como tendo uma aparência distinta (ao menos é o que o fragmento sugere - ar. לילי חזון) faz pensar no animal espantoso que é a quarta besta a sair da água em Dn 7:19:

Então tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro e as suas unhas de bronze; que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobrava [...].

Na versão traduzida por Martínez e Tigchelaar, existem acréscimos em diversos fr., dos quais o 2 parece o mais significativo em termos do conhecimento de versões alternativas para o tema das monarquias mundiais na literatura paradaniélica: “E eu lhe falei: ‘Ele é de [...]’”, o que sugere um diálogo entre o visionário e uma figura angélica; o

¹⁰ O mesmo tema manifesta-se no *Apocalipse siríaco de Baruch* (2Br), no apocalipse da floresta, do cedro, da fonte e da vinha; tratarei dele ao final do artigo.

¹¹ Lembrando o anjo que, ajudado por Micael, enfrentou o anjo guardião da Pérsia em Dn 10:13, mas também evocando as típicas trapalhadas geo-políticas dos autores do Daniel bíblico, das quais a mais conhecida é a

הו deixa claro que se trata de um masculino, possivelmente outro anjo guardião ou outro reino. A edição de Vermès, por sua vez, omite os fr. que constituem a primeira coluna do conjunto: nesses trechos, três paralelos com o tratamento methistórico daniélico saltam aos olhos:

1. Entre as linhas 1-8, há referências à luz dos anjos (cf. Dn 7:2-3: “Falou Daniel, e disse: Eu estava olhando na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar grande. E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar”; ar. הורר מלאכיא הוור);
2. Ao que deverá ocorrer no futuro (ar. אמר להון להרא vacat כולה);
3. E a algo que se ergue e que terá fim - reinos, animais, ou outra coisa? Em paralelo com Dn 7:11-12, é algo que terá fim (ar. מפקא), por oposição ao reino dos santos do Altíssimo, que será eterno.

O trecho alude, explicitamente, apenas, a dois reinos, Babilônia e Pérsia (na verdade, à “Babel” e à Pérsia); curiosamente, é a mesma árvore que remete a ambas. Das outras duas nada se sabe de sua identificação - a segunda é tida como governante das potências marítimas e portos, e da terceira só podemos inferir que tinha uma aparência diferente das demais. É razoável supor que houvesse uma quarta (na verdade a pergunta inicial já faz supor que o visionário nos revela dois reinos de seu conhecimento - e desse modo, mesmo que “Babel” não seja sinônimo de “Pérsia”, o que é autoevidente, teríamos as quatro monarquias, acrescentando-se a das potências marítimas e a de aparência estranha).

Mas o fr. conclui com a referência à terceira árvore, e nada sabemos sobre a quarta (embora o texto inicie-se com a afirmativa de que se trata, efetivamente de quatro árvores ao lado do anjo inicial): o parêntese acima é apenas uma conjectura. Daquilo que sobrou de 4Q552-553, temos um número de temas comuns ao complexo mítico das idades do mundo tal como o conhecemos de fontes persas, embora com variantes significativas e um *terminus post quem* de meados do séc.II a.C. - em princípio compatível com o restante do material canônico de Daniel, o que abriria espaço para a possibilidade da quarta árvore ser Roma e a terceira, por sua estranheza evocativa da quarta besta, constituir-se dos reinos helenísticos. Mas isso é algo altamente especulativo.

figura de “Dario, o Medo”. Cf. Harold H. Rowley. *Darius, the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel: a Historical Study of Contemporary Theories*. Cardiff: University of Wales, 1935.

A primeira coisa em comum com o Daniel canônico é a própria idéia de que alguma entidade (sobrenatural) governa a Pérsia, embora seja estranho q seu nome seja “Babel”. A segunda é a luz que envolve o anjo, evocando a alvura da figura sobrenatural em Dn 7:9 e também as “fagulhas” de 4Q246 (ar. זיקיא). Por fim, o tema das árvores mostra aqui ecos de um conjunto mítico muito antigo e muito vasto, que pode ser também traçado até suas origens indo-iranianas por diversos caminhos¹². Mas como sempre, as dificuldades de datação das fontes persas impedem qualquer conclusão definitiva sobre o assunto.

A primeira versão do tema surge no *Bahman Yasht* (texto tido com ou sem razão como um “apocalipse” persa: nele, Zoroastro vê, por 2 vezes, uma árvore que simboliza as idades do mundo, associadas a monarquias míticas e históricas (*Bahman Yasht* 1.3-11 e 3.19-29). Cada galho representa uma monarquia, por sua vez associada a um metal (estes ausentes em 4Q552-553); mas por outro lado, as monarquias do BY são meio históricas, meio lendárias (i.e. confundem-se reinos verdadeiros com reinos míticos, nas duas variantes do mito; é importante recordar que nos dois casos todas as eras e monarquias manifestam-se através da onisciência de Ahura Mazda)¹³.

O tema da árvore cósmica pode ser remetido a um passado indo-iraniano ainda mais remoto se levarmos em conta o relato do gnóstico Bardesanes, no séc.II d.C.. Em seu relato, ele nos diz que soube por meio dos brâmanes indianos que no centro da Terra existe um homem de braços abertos e membros esticados, como se crucificado: é o corpo de Deus (e pela posição dos membros, remete novamente ao número 4, e pela referência à posição, à árvore)¹⁴. O relato de Bardesanes, reportado por Stobeu (*Antologia* 2.2) nos revela ainda que sua metade direita é homem, à esquerda mulher; de seu lado direito encontra-se o Sol, do esquerdo a Lua. Sobre seus braços repousa tudo o que há no mundo - o céu, os animais, os rios, as plantas etc.. Deus teria dado essa estátua a seu filho para ter um modelo para a criação do mundo. Esse homem primordial tem um corpo que corresponde ao do Deus supremo¹⁵.

¹² Cf. Odette Viennot. *Le culte de l'arbre dans l'Inde ancienne*. Paris: P.U.F., 1954.

¹³ A edição do *Bahman Yasht* utilizada foi a de Carlo G. Cereti (ed.). *The Zand i Wahman Yasn: a Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995; na verdade o que chamamos, por comodidade, de “Bahman Yasht” não é um *yasht* (i.e. uma seção do *Avesta*, texto sagrado do zoroastrismo) mas um comentário ao mesmo, que é assumidamente muito posterior aos originais (de cuja existência os mais cétricos chegam a duvidar, em certos casos). Portanto, o BY ao qual nos referimos é posterior à literatura paradaniélica de Qumran em pelo menos 400 anos, e os manuscritos, em mil ou mais.

¹⁴ Geo Widengren. “Les quatre ages du monde” in: Geo Widengren et al. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995. Pp.26 e 57.

¹⁵ Idem, p.26. Um exemplo ainda mais antigo do tema encontra-se no “Hino de Skambha” (*Atharvaveda* 5.32-34, no qual o corpo divino do Deus supremo (que é andrógino) é o mundo visível. Os homens da

O tema mítico da árvore cósmica sobre a qual repousa o mundo, ou, historicizada como na literatura paradaniélica (e mesmo no livro canônico, em Dn 4:10) funde-se, tanto na última como no Daniel canônico, com o tema das monarquias mundiais; por si só isso bastaria para apontar, já não digo uma influência, mas ao menos uma relação muito próxima entre doutrinas judaicas e iranianas. É de se notar, no entanto, que aqui não se trata de uma única árvore com galhos esparsos, mas de várias árvores; a imaginação do visionário deu um salto significativo, nesse aspecto. A variante pode ter se perpetuado no *Apocalipse siríaco de Baruch* (2Br), como veremos abaixo.

Mas o tema de várias árvores simbolizando impérios mundiais não é de modo algum estranho ao judaísmo do Segundo Templo: se pensarmos no apocalipse da floresta, do cedro, da vinha e da fonte em 2Br 36, teremos um quadro parecido - só que aqui a floresta toda representa os impérios mundiais e o cedro, talvez por seu porte e qualidade intrínsecas, foi escolhido para representar a última e mais iníqua das monarquias.

E tendo dito isso, caí em sono naquele local e tive uma visão noturna. E vede, havia uma floresta com árvores na planície, cercada por montanhas e pedras. E a floresta ocupava muito espaço. E vede, contra ela surgiu uma vinha, e por baixo dela corria pacificamente uma fonte. Essa fonte chegou até a floresta, transformou-se em grandes ondas e essas ondas submergiram por completo a floresta [...] E essa fonte tornou-se tão forte que nada deixou da floresta além de um cedro. E ao destruir também este, nada sobrou da floresta, e seu lugar sequer foi recordado [...] E eu vi, vede, aquela vinha abriu a boca e falou e disse ao cedro: 'Não foi você o que restou da floresta da iniquidade? Por tua causa, fez-se durante todos esses anos a injustiça, mas nunca o bem. Tiveste poder sobre o que não te pertencia; e não tiveste compaixão quanto ao que não te pertencia [...]

A explicação da visão, em 2Br 39, é a de que a multidão das árvores na planície representa o quarto reino, do qual tudo o que restará é o cedro, destruído para dar lugar ao reino do Messias (2Br 39:5-8, com paralelos em 4Ezra 5)¹⁶.

É de se notar que, se 2Br for posterior à 4Q552-553 (o que se pode ter como praticamente certo), representaria um desenvolvimento de uma mesma tradição simbólica que associa as árvores aos impérios, e de modo cada vez mais intenso - primeiro uma

primeira era também são andróginos. No “Hino de Skambha” o símbolo de Deus é um tronco que é, evidentemente, o da árvore cósmica. As quatro idades do mundo são os quatro períodos da vida do corpo divino e seu envelhecimento. Cf. Widengren, op.cit. p.27. Há ainda um paralelo na fala de Aristóteles durante o *Banquete* de Platão, mas isso nos levaria longe demais da análise proposta nesta comunicação.

árvore, nos mitos indianos ou persas; depois quatro, na literatura paradaniélica; finalmente, uma floresta indistinta onde mesmo o mais preclaro visionário seria incapaz de identificar uma seqüência de quatro monarquias mundiais não fosse a intervenção direta e explicativa¹⁷.

Por fim, em 4Q246 (“Apocalipse aramaico”) não encontramos a doutrina das quatro idades ou quatro monarquias formulada com a mesma precisão, mas as referências a Daniel são abundantes: uma figura não-identificada que muito se assemelha ao Daniel bíblico goza do favor divino e por isso revela algo a um rei, no estilo de Dn 2:19 ss. (Nabucodonosor). As únicas referências a monarquias são à Assíria (metaforicamente, os Selêucidas) e ao Egito. Outro ponto comum com Daniel são as referências ao povo de Deus e ao seu reino, que será eterno segundo 4Q246 = Dn 7:27; seu domínio igualmente será para sempre, como em Dn 7:14 (4Q246 ar. [...] שלטנה שלטן עלם [...] (מְצוּתָהּ מַלְכוּת עֵלְם וְכָל

Em suma, em 4Q246 não temos uma formulação tão clara do tema como em 4Q 552-553 mas, por outro lado, as referências ao desfecho escatológico são muito mais claras e o paralelismo temático com o Daniel canônico muito mais explícito. Portanto, a referência final ao reino do povo de Deus (os “santos do Altíssimo” de Dn 7:27 etc.) encaixa-se também num estudo das monarquias mundiais tal como as encontramos em Qumran; afinal, essa seria a quinta e última monarquia. Portanto, a col.II do fr. mostraria uma continuidade, ainda que mediada, com o Daniel canônico: teríamos a seqüência “filho do Altíssimo” > “reino dos santos do Altíssimo” e as fagulhas resultantes da experiência visionária intermediando o episódio. É intermediária também a etapa que se diz que eles “reinarão na Terra”, e em que uma província (ומדינה למדינתה) colocar-se-á contra a outra (na frase anterior fala-se de um “povo” contra outro, o que faria equivaler ao termo aramaico מדינה) até que o povo de Deus descansará da espada; então as províncias, em paz, as homenagearão.

Mas independentemente das diferenças vocabulares, ao fim e ao cabo em 4Q246 e em Dn 7:12; 22; 25 *passim*. tem-se a mesma idéia formulada - a entrega final da Terra aos eleitos de Deus, com a ressalva de que 4Q246 encerra-se com o termo “fronteiras”, sem que se saiba bem quais: em paralelo com Dn 7:27, teríamos

¹⁶ Trecho completo na versão de Albertus F.J. Klijn em James H. Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985. Vol.1. Pp.632-633.

¹⁷ Cf. Frederick J. Murphy. *The Structure and Meaning of Second Baruch*. Atlanta: Scholars Press, 1985 e do mesmo autor, “2Baruch and the Romans” in: *Journal of Biblical Literature* 104, 1985.

4Q246	Dn 7:27
Ele [Deus] os prostrará [os gentios] diante deles [os eleitos]. Seu domínio será eterno, e todas as fronteiras de [fim do fr.] [...] ¹⁸	E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.

Por fim, 4Q180 (“As idades da Criação”) fala em idades do mundo mas num sentido bem diferente, e evocando uma periodização semelhante não apenas à do *Livro etiópico de Enoch* (1En), mas também às de Dn e Jr, ao se falar em “semanas de anos”. É de se ressaltar em em 1En 52:1-3 temos a seguinte seqüência: montanhas de ferro, cobre, prata, ouro (até aqui, uma inversão da seqüência original do mito) e, depois, mais três materiais em outras duas montanhas - uma de um “metal colorido”, de natureza não-especificada, e a última de chumbo. Todas derreterão como uma colméia na presença do Eleito de Deus (52:6), e as montanhas serão destruídas - uma inversão flagrante do tema da montanha que será, ela sim agente divino em Dn 2¹⁹.

De todo modo, não se trata de “idades” no sentido indo-iraniano em que se apresentam na literatura paradaniélica, nos mitos indianos e persas ou mesmo em Hesíodo; daí o interesse de 4Q180 ser mínimo para o tema deste artigo.

Como conclusões, podemos afirmar que a literatura paradaniélica de Qumran, quando analisada do ponto de vista das monarquias mundiais e em sua relação com os complexos míticos persas e indianos que se lhe assemelham, revela ser mais antiga do que os mesmos temas desenvolvidos, por exemplo, em 2Br. Por outro lado, isso não serve como argumento em favor da anterioridade necessária dos mitos persas quanto aos judaicos, já que, se podemos datar os fragmentos paradaniélicos com precisão, continuamos na mesma névoa quando se trata dos textos persas; em minha opinião é razoável - mas não mais do que isso - supor que a literatura persa tenha influenciado a

¹⁸ Colchetes meus, indicando termos insuficientemente claros pela citação; mas pode-se pensar que as fronteiras referem-se às “províncias”, doravante tornadas supérfluas num mundo redimido em definitivo das dissensões humanas.

¹⁹ A dupla menção ao “metal colorido” faz pensar inevitavelmente numa mistura, embora não se possa provar o argumento; e as montanhas como algo a ser destruído no Juízo evoca o zoroastrismo, onde elas também são

doutrina judaica no que concerne às monarquias mundiais e idades do mundo (incluindo aí os metais, por sinal virtualmente ausentes nos fragmentos de Qumran, com exceção de 4Q242) do que o oposto²⁰. Mas Collins está absolutamente correto ao afirmar que esses fragmentos apontam para a antigüidade - e vigor - da tradição visionária daniélica, toda ela apoiada no tema do sentido do tempo e da história humana, mais do que no conhecimento do Além e de viagens que o propiciem.

vistas como resultado do ataque da Ahriman à Criação material, que originalmente não as previa (cf. *Bundahišn* 34.4; 27 e para o ordálio pelo metal derretido, *Yasna* 51.9).

²⁰ A discussão é longa e tem em Philippe Gignoux um dos mais convictos defensores da trajetória leste-oeste para os complexos míticos abordados. Cf. Philippe Gignoux. “L’apocalyptique iranienne est-elle vraiment la source d’autres Apocalypses?” in: *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 31 (1-2): 67-78, 1988 e do mesmo autor, “Nouveaux regards sur l’apocalyptique iranienne” in: *Comptes rendus de l’Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, 1986 (ao qual não tive acesso).